

Caroline Vasconcelos Ribeiro, autobiografia winnicottiana
UESB/IBPW/IWA

Minha graduação é em Psicologia e, como a maioria das pessoas que fizeram o bacharelado no final do século passado, não tive contato profundo com a psicanálise de Winnicott. Em disciplinas mais ligadas à educação, vi alguma coisa sobre o brincar e sobre os objetos transicionais. A psicanálise que imperava era a de orientação lacaniana. Anos depois eu viria descobrir que “A” psicanálise não existe, uma vez que não se trata de um corpo uníssono e harmônico de teorias, mas existem psicanálises com diferentes visões de ser humano e distintas raízes epistemológicas e ontológicas. Com os anos de estudos aprendi que a ideia de um tipo hegemônico de psicanálise a orientar a compreensão de todos os fenômenos humanos deveria ser desconstruída. Entendo que o exame do pensamento winnicottiano me forneceu “régua e compasso” para tentar fazer isso.



Quem me convidou a examinar a proposta de uma psicanálise não tributária ao fisicalismo típico das heranças da filosofia moderna foi o professor Zeljko Loparic em minha entrevista para seleção de doutorado em Filosofia na Unicamp em 2001. Em Filosofia? Sim. No meio de minha graduação em Psicologia na Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) eu tive contato com a filosofia de Martin Heidegger e isso me arrebatou. Pensar, ontologicamente, o ser humano como um ser-lançado no mundo em suas ocupações cotidianas, meditar sobre a história da metafísica como a história do esquecimento do ser, analisar a dominação planetária da técnica como um processo que nos transformou em matéria-prima (*Bestand*), em recurso a ser explorado, me levou a uma seara de questionamentos que mudou a minha rota. A jovem estudante de Psicologia (1993-1997) começou a projetar um mestrado em Filosofia com o fito de estudar o pensamento de Martin Heidegger. Eu queria voltar a morar na região nordeste e, nos anos 90, o único Programa de Pós-graduação em Filosofia era na Paraíba. Assim que me formei fui para João Pessoa fazer seleção no mestrado e entrei, em 1998, no

Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFPB. A esta altura eu já tinha lido muitos textos do professor Loparic, mas sequer sonhava que um dia teria a honra de conhecê-lo e de ser orientada por ele.

Eu sou de uma cidade do interior da Bahia, estudei minha graduação numa universidade no interior de Minas e fiz o mestrado na Paraíba, numa universidade e cidade maravilhosas, mas bem distantes dos centros de pesquisa do sudeste. Depois de muitos anos, fui descobrir que a UFPB tinha sido a primeira universidade brasileira que Loparic tinha lecionado, nos anos 1970 do século XX. E isso só aumentou a minha estima por esta instituição. Em 1998, o professor Loparic – que já ensinava na Unicamp a esta altura – chegou a dar uma palestra em Recife quando eu ainda morava em João Pessoa, mas não consegui ir assistir e perdi a chance de conhecê-lo.

Depois de concluir o mestrado em Filosofia, em que me dediquei a investigar a obra *Ser e tempo* de Heidegger, não pensava mais em estudar a psicanálise. Por algum tempo achei que eu seria uma professora de Filosofia pura, sem flertar com o campo “psi”. Mas, na seleção de doutorado na Unicamp (2001), eu encontrei presencialmente aquele grande estudioso cujos textos eu lia vorazmente: o professor Loparic. Foi a primeira vez que essa baiana de Itapetinga via esse grande pensador. Isso, para mim, foi um acontecimento extraordinário. Muito solícito e interessado em saber de minha trajetória, Loparic me entrevistou e perguntou se eu poderia flexibilizar o meu anteprojeto de pesquisa colocando a psicanálise de Winnicott como horizonte de análise. Eu fui bem sincera: desta psicanálise, informei, li pouquíssimas coisas anos atrás. Loparic não se surpreendeu porque essa era a realidade das formações no Brasil e me sugeriu fazer disciplinas e cursos de extensão para que eu comesse a me apropriar da psicanálise winnicottiana. Passei na seleção de doutorado e fiquei até meio abestalhada, para usar uma expressão bem baiana. Era muito boa a sensação de que eu seria orientada por Zeljko Loparic. Claro que eu também fiquei assustada, tudo era novo. O doutorado começou em 2002 e, assim que pude, tratei de aprender sobre a psicanálise de Winnicott para conseguir articulá-la com a filosofia de Heidegger.

Meu primeiro curso sobre Winnicott foi com a professora Elsa Dias. Meu Deus! Eu saía flutuando do prédio da COGEAE na PUC-SP. Com a habilidade teórica e poética que lhe é muito peculiar, Elsa me deixou encantada com o pensamento winnicottiano. Sim, Winnicott é um autor encantador, mas se apresentado pelas mãos desta grande pesquisadora ele ganha contornos arrebatadores. O curso com Elsa Dias me revolucionou do ponto de vista teórico e existencial. A dimensão do cuidado, o olhar para o ambiente como promotor de saúde ou de patologias, a compreensão empática de um psicanalista que era pediatra e se colocava no lugar

do bebê para pensar vários conceitos do amadurecimento humano, era uma novidade epistemológica radical para mim. O ano era 2003, a cidade de São Paulo me assustava pela imensidão e por minha falta de habilidade com as suas velocidades, mas a teoria que eu estava aprendendo me dava colo. Então, comecei a me alojar com conforto no desafio de estar numa cidade pouco familiar para mim e de ter que buscar um caminho dialógico entre a filosofia de Heidegger e a psicanálise de Winnicott.

Além das disciplinas na Unicamp, eu cursei uma disciplina nas sextas-feiras à tarde com o professor Loparic na PUC-SP. Nesta ocasião conheci pessoas muito bacanas como a Katia Pavani, Daniela Guizzo, Cláudia Dias, Vera de Laurentiis, Roseana Garcia, Conceição Serralha e Ariadne Alvarenga. Como estrangeira vinda da Unicamp me senti muito acolhida e sorvi tudo o que pude daquelas aulas de Loparic sobre Winnicott. Era muito bom estar ali e ouvir relatos clínicos que minhas colegas faziam entre uma discussão conceitual e outra. Como eu havia migrado muito cedo para a pós-graduação em Filosofia, priorizei o mergulho neste campo de saber e decidi não atuar como psicóloga. Eu tinha me tornado professora universitária e até aquele momento entendia que minha tarefa era me aprofundar na História da Filosofia, em especial, no pensamento de Heidegger. Mas o doutorado me apresentou uma outra tarefa: um exame filosófico da História da Psicanálise, com foco na diferenciação entre a perspectiva freudiana e a winnicottiana.

A minha tese de doutorado examinou as heranças metafísicas presentes na psicanálise de Freud e defendeu que a de Winnicott não se serve destas heranças, uma vez que o modelo científico-natural, impregnado de fisicalismo, não está presente na teoria do amadurecimento, mas está na teoria do desenvolvimento psicosssexual. Destaquei e examinei dois conceitos teóricos para marcar essa diferenciação entre as duas psicanálises: o de realidade e o de história de vida. A senda epistêmica para essa diferenciação foi aberta pela filosofia de Heidegger.

Em sua crítica a Freud, na obra *Seminários de Zollikon*, Heidegger me fez ver que a visão freudiana era de uma história de vida linear, com lacunas de memória que deveriam ser recompostas mediante a clínica da associação livre. A partir desta crítica e da leitura de obras de Loparic, que examinavam o humus filosófico do solo sobre o qual se ergueu o edifício teórico da psicanálise freudiana, entendi que o famoso passo de volta que regride dos sintomas às causas, era centrado numa clínica de pessoas inteiras. Entendi que esse passo de volta pressupõe que toda história de produção de sintomas é de cunho sexual e que ela pode ser recomposta a partir do acesso a conteúdos reprimidos no inconsciente.

Diferentemente de Freud, Winnicott não centrou sua clínica nos dramas neuróticos que pressupõem um “eu” integrado. O pediatra deu um passo de volta mais primitivo, rumo a

momentos muito primordiais do acontecer humano. Em outros termos: rumo à jornada humana para a conquista da integração, da capacidade de ser e sentir-se real. Realizar esse passo de volta em direção ao mais primitivo me convidou a compreender o misterioso território da mutualidade mãe-bebê, a pensar o amadurecer como uma conquista que pode não acontecer, a conceder legitimidade a angústias que não são reações à castração, mas, por serem tão precoces, são impensáveis. Com as pesquisas percebi que Winnicott não toma como ponto de partida a história das “indecências proibidas” que se dão no interior da vida de um “eu” integrado, mas, como destaca Dias, nos fala de uma espécie de “*pré-história na qual o pequeno indivíduo, que já é um ser humano passível de ser afetado pelo ambiente, ainda não chegou a si*”¹. Publiquei alguns artigos sobre essa temática e eles estão listados no final deste texto.

Nos *Seminários de Zollikon*, Heidegger discute com seu público de psiquiatras a maneira como a metafísica pensou o conceito de realidade e alerta que, a partir da modernidade, este sempre esteve atrelado aos aspectos representacionais. A partir da leitura de textos de Loparic e Elsa Dias, comecei a examinar em que medida esta crítica da onipresença da representação nas discussões acerca do conceito de realidade poderia ser dirigida a Freud. Após um exame acerca da maneira como Freud pensa os conceitos metapsicológicos de inconsciente, aparelho psíquico e pulsão, notei que, além de não aventar a possibilidade de existir pessoas que não acessam a realidade compartilhada, este acesso é sempre pensado a partir do binômio representação psíquica/*quantum* de afeto. Para Winnicott, o contato com a realidade externa compartilhada não é uma aquisição desde sempre garantida, mas uma conquista que pode ou não se dar. Por isso, o olhar desse pediatra não incide sobre a cena paradigmática da psicanálise tradicional, qual seja, o triângulo edipiano – que pressupõe pessoas inteiras capazes de representar – mas, dirige-se para momentos mais primitivos do acontecer humano, cuja “cena” fundamental é o lactente nos braços da mãe.

O exame sobre os conceitos de “realidade” e “história de vida” me fez procurar possíveis consonâncias entre a proposta ôntica de Winnicott e a leitura ontológica de Heidegger. Os diálogos com Eder Santos, meu ex-colega de doutorado e parceiro na organização de obras e eventos, foi e tem sido muito frutífero para detectar afinidades e diferenças entre os dois pensadores.

Durante os anos seguintes me dediquei a pensar, filosoficamente, em que medida a psicanálise de Freud e de Winnicott diferem. Para tanto, analisei as heranças metafísicas presentes no conceito freudiano de pulsão (*Trieb*) e as alternativas winnicottianas a este

¹ Dias, E. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. São Paulo: DWWeditorial, 2017, p. 66 [grifos da autora]

conceito metapsicológico, examinei as diferenças entre a ideia de um inconsciente reprimido – composto por conteúdos de natureza sexual –, e um inconsciente agônico e muito mais primitivo proposto por Winnicott, o qual é muito diferente daquele que faz parte da clínica de pessoas neuróticas. A partir de leituras de textos de Loparic e Elsa Dias e de minhas recentes pesquisas sobre essa temática, concluí que, ao destituir a hegemonia da interpretação e a ideia de que o inconsciente se mostra exclusivamente pela verbalização, Winnicott nos permite pensar sobre um inconsciente cujo acesso se dá na regressão à dependência e no fomento de condições adaptativas capazes de proporcionar ao paciente retomar, em primeira pessoa, o processo de amadurecimento bloqueado e não acontecido.

Como estou vinculada a um Programa de Pós-graduação em Memória, tenho analisado a maneira como Freud pensa a recomposição das lembranças – sejam elas encobridoras, traumáticas e/ou precoces – e as articula à possibilidade de um preenchimento de lacunas a partir da busca da etiologia dos sintomas. Tenho notado que, por mais que o conceito freudiano de inconsciente avance em relação à clássica ideia de uma memória como uma estocagem de conteúdos, por mais que o pai da psicanálise nos fale em traços mnêmicos e nas distorções que o aparelho psíquico opera sobre o recordado, sua clínica orbita em torno das reminiscências e concebe o passado esquecido como algo que aconteceu e não deveria, e por isso foi reprimido. Publiquei um artigo na *Festschrift* em homenagem aos 80 anos do professor Loparic, em que advogo que Winnicott nos fala de uma memória mais primitiva do que a relativa aos conteúdos representacionais de um passado reprimido e por isso nos apresenta um tipo de “lembrar” – que aparece na clínica da psicose – diferente do resgate de reminiscências apresentado pelos neuróticos tratados por Freud. Defendo que Winnicott nos apresenta uma memória não representacional que, apesar de trazer consigo angústias impensáveis, pode ser comunicada caso o imperativo da interpretação ceda lugar para o manejo da transferência na regressão à dependência.

Outro foco de investigação de minhas recentes pesquisas tem consistido em esboçar uma possível leitura winnicottiana do livro *Memórias de um doente dos nervos* escrito por Daniel Paul Schreber e analisado por Freud em texto *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia paranoides)*, mais conhecido como caso Schreber. Em seu olhar sobre a obra de Schreber, o pai da psicanálise destaca a emasculação alegada pelo paciente, bem como a transformação do médico Flechsig em objeto perseguidor. Seu olhar incide sobre a missão redentora que implicava na transformação de Schreber em mulher. Ao conferir destaque à relação do *Senatspräsident* com Deus, com o pai e com o médico Flechsig, Freud nos remete às questões ligadas às tramas do complexo de Édipo e ao campo da

sexualidade reprimida. Entretanto, os sintomas de Daniel Schreber iam muito além da emasculação e eram carregados de ideias hipocondríacas, a exemplo da sensação de amolecimento cerebral, de desaparecimento do pulmão, de morte iminente e de estar sofrendo de peste. A este quadro se acrescia ideias de perseguição atreladas a alucinações de que seu corpo era alvo de manipulações por raios divinos. Schreber, ao nos oferecer detalhes sobre a sensação de que seu corpo era manipulado por milagres divinos que dilaceravam seus órgãos – estômago, intestino, laringe, coração e pulmão –, e era penetrado por “nervos femininos” que lhe promoviam uma emasculação, nos ofereceu um rico material sobre a maneira como o corpo se insurge na psicose e isso tem me permitido pensar suas *Memórias* para além das questões sexuais tão caras a Freud. Neste sentido, em parceria com Eder Santos, tenho analisado uma possível leitura winnicottiana dos relatos de Schreber em seu livro de memórias, considerando sintomas não examinados por Freud e conferindo destaque mais às experiências de corpo inimigo e perseguidor do paciente do que à emasculação e ao suposto desejo reprimido por Flechsig.

Tenho seguido a trilha que marca a diferença entre Freud e Winnicott como meu caminho de pesquisa. Esse caminho é sempre iluminado pelos debates com os pesquisadores do Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana (IBPW) e enriquecido pelas trocas frutíferas que tenho tido com os discentes das disciplinas do curso de formação oferecido por este Instituto.

Referências

- Loparic, Z. e Ribeiro, C. V. (orgs.). (2017). *Winnicott and the Future of Psychoanalysis*. São Paulo: DWWeditorial.
- Ribeiro, C. V. (2005). A realidade como questão em Heidegger e Winnicott. *Natureza Humana*, 7(1), 95-128.
- Ribeiro, C. V. (2006). A crítica de Heidegger e Freud: quando o acesso mais originário à realidade não requisita representação. *Natureza Humana*, 1(1), 85-95.
- Ribeiro, C. V. (2007). Heidegger e Winnicott: pensadores da origem (*Anfang*). *Winnicott e-Prints*, 2(1), 45-61.
- Ribeiro, C. V. (2013). O convite para a suspeita filosófica: notas sobre o ensinamento heideggeriano nos *Seminários Zollikon*. *Especiaria*, 13(24), 63-83.
- Ribeiro, C. V. (2014). Freud e o *Methodenstreit*: um debate a partir dos *Seminários de Zollikon*. *Diálogos possíveis*, 13(2), 97-122.

- Ribeiro, C. V. (2015). The objectification of human phenomena: observations in the light of Winnicott and Heidegger. *Natureza Humana*, 17(1), 58-73, 2015.
- Ribeiro, C. V. (2017). The objectification of human phenomena: observations in light of Winnicott and Heidegger. In Z. Loparic e C. V. Ribeiro (orgs.), *Winnicott and the Future of Psychoanalysis*. São Paulo: DWWeditorial.
- Ribeiro, C. V. (2018). *Ontologia e Psicanálise: diálogos possíveis*. São Paulo: DWWeditorial.
- Ribeiro, C. V. (2018). O corpo à luz da ontologia heideggeriana e da psicanálise winnicottiana. In C. V. Ribeiro (org.), *Ontologia e Psicanálise: diálogos possíveis* (pp. 90-107). São Paulo: DWWeditorial.
- Ribeiro, C. V. (2019). Para além do inconsciente verbalizável e da memória lacunar: a psicanálise sob o olhar de Loparic. *Natureza Humana*, 21(2), 220-257.
- Ribeiro, C. V. (2020). O conceito freudiano de pulsão e o estatuto epistemológico da psicanálise: o olhar de Heidegger e de Ricoeur. *Voluntas*. 11(2), 300-327.
- Ribeiro, C. V. (2021). A desconstrução do sentido unívoco de realidade: afinidades possíveis entre Heidegger e Winnicott. In C. V. Ribeiro e E. S. Santos (orgs.), *Winnicott e a Filosofia* (pp. 177-220). São Paulo: DWWeditorial.
- Ribeiro, C. V. e Sales, D. W. M. (2020). A discussão heideggeriana sobre o corpo e as transexualidades: uma possível contribuição. *Ideação*, 43, 101-129.
- Ribeiro, C. V. e Santos, E. S. (2019). Loparic, um pensador radical. *Natureza Humana*. 21(2), 03-11.
- Ribeiro, C. V. e Santos, E. S. (orgs.). (2021). *Winnicott e a Filosofia*. São Paulo: DWWeditorial.
- Ribeiro, C. V. e Santos, E. S. (2021). A psicanálise de Winnicott enquanto clareira (*Lichtung*) para o filosofar. In C. V. Ribeiro e E. S. Santos (orgs.), *Winnicott e a Filosofia* (pp. 7-18). São Paulo: DWWeditorial.